

A inovação lexical nos dicionários francês- português: interferências das fontes castelhanas e italianas

João Paulo Silvestre

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

jpsilvestre@fl.ul.pt

Data de receção do artigo: 16-06-2012

Data de aceitação do artigo: 16-07-2012

Resumo

Os primeiros dicionários bilingues francês-português são geralmente associados a processos de inovação lexical influenciada pelo francês, mas o estudo comparativo das fontes revela que os dicionaristas José Marques, Miguel Pedegache Brandão Ivo e Joaquim José da Costa e Sá se basearam em dicionários em que o castelhano e o italiano são as línguas intermediárias. A tradução da descrição lexical destas línguas terá motivado casos de replicação de estruturas morfológicas e a inovação lexical.

Palavras-chave: dicionários bilingues – inovação lexical – tradução – século XVIII

Abstract

The first bilingual modern dictionaries (French-Portuguese) are generally accounted as an instance to the lexical innovation influenced by French. A comparative survey of lexicographical sources reveals that dictionary compilers José Marques, Miguel Pedegache Brandão Ivo e Joaquim José da Costa e Sá translated Spanish and Italian glosses into Portuguese, thus replicating morphological structures.

Keywords: Bilingual lexicography – lexical innovation – translation – 18th century

A lexicografia bilingue entre línguas europeias, que desde meados do século XVII motivou uma intensa publicação e diversificação de dicionários em França, Itália, Espanha e em toda a Europa Central, tardou em estender-se ao português. Sem uma

tradição de ensino de línguas modernas e o correspondente público escolar, livreiros e impressores não arriscaram os esforços de uma produção demorada e onerosa. No estrangeiro, a percepção da semelhança com o castelhano atribuiu ao português num estudo de variante dialectal ibérica que tornou desinteressante a dicionarização.

A dicionarística bilingue europeia dos séculos XVII-XVIII constituiu-se numa rede de intercomunicação entre fontes prestigiadas. A repetição de nomenclaturas e definições é uma validação da qualidade do dicionário, que se apoia numa tradição segura e confirmada, cotejada com referências da dicionarística institucional, como a Academia de França ou a Academia della Crusca. Este funcionamento em rede tende a ser conservador e os dicionários tornam-se essencialmente repositórios lexicais paradigmáticos, e não descrições sincrónicas das diferentes línguas em comparação. Estes dicionários explicam o significado das palavras, mas dão poucas indicações sobre os contextos de uso e evitam dicionarizar colocações ou unidades superiores à palavra que tenham restrições de adequação. Só a fraseologia é abundante, pois o seu carácter idiomático permite uma tradução do significado geral. Esta descrição abstracta explica o carácter translinguístico destes dicionários, com nomenclaturas, definições e exemplos que permanecem imutáveis ao longo de décadas, em diferentes países e línguas.

Os autores de dicionários português-francês tentaram beneficiar desta rede. O Padre José Marques, Miguel Pedegache Brandão Ivo e Joaquim José da Costa e Sá são os dicionaristas que preenchem a segunda metade do século e constroem uma tradição lexicográfica que progressivamente se torna mais relevante para a descrição do português do que do francês¹. Mas, no processo de redacção e produção destes dicionários, a figura do autor é menos preponderante do que a tradição bibliográfica e os prefácios das obras fazem supor. A técnica de compilação dos dicionários, não explicitada mas perceptível pelo estudo comparativo das fontes, revela-se um processo de tradução com pouco investimento na reflexão lexicológica e pouco ou nenhum esforço de documentação. Está por caracterizar a dimensão do seu contributo para a tradição

¹ Cf. Verdelho 2011: 20-26.

lexicográfica, na medida em que a intertextualidade estrita com fontes europeias nunca foi assumida pelos autores.

Os dicionários bilingues contêm um corpus português abundante, em que se ensaia um desbloqueio morfológico e lexical inspirado pelo castelhano e pelo italiano, e que se revelará altamente produtivo a partir do final do século XVIII. Todavia, um conhecimento da gênese da produção destes dicionários e da suas fontes indicia que além de testemunhar o desbloqueio, contribuem ativamente para ele.

1. O início da tradição lexicográfica francês-castelhano-português

O dicionário do Padre José Marques é a primeira dicionarização extensa francês-português. Foi precedido pelos glossários publicados nas poucas gramáticas francesas editadas em Portugal, principiando pela *Arte da lingua francesa* de João da Costa (1679) e pelo modelo didático mais documentado que é o *Compendio de varios nomes, e termos particulares, divididos por matérias* (págs. 393-456) da *Gramática franceza* (1733) de Caetano de Lima.

A sua preparação é contemporânea do aumento da atividade dos livreiros franceses estabelecidos em Lisboa, em especial de Pedro Faure e dos irmãos Martinho e João José Bertrand, com loja estabelecida da rua do Loreto desde o início da década de 40 (Guedes 1987: 26-30).

Trata-se de uma edição em dois volumes in-fólio, destinada às bibliotecas particulares e não aos colégios. Em meados do século, o ensino de línguas modernas era apenas procurado para o desempenho de relações comerciais ou relações internacionais. Esta oferta no catálogo parece ser um complemento da crescente comercialização de títulos em francês, servindo assim para facilitar o acesso aos textos.

A redação dos dois volumes foi encomendada ao Padre José Marques, regente do coro da vizinha igreja do Loreto. O volume português-francês, baseado em Bluteau, foi concluído antes de 1748, mas os livreiros não lhe reconheceram interesse comercial e esperaram pelo francês-português, que foi editado em 1754 na oficina de Francisco Luís Ameno. No terramoto de 1755 incendiaram-se os exemplares armazenados na livraria Bertrand e a edição foi dada por perdida. Tornou-se um livro muito raro e

atualmente apenas há notícia do exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal (cota L. 2667 A).

Sem precedentes em dicionários bilingues português-línguas modernas, a folha de rosto enuncia que a obra se baseia na lexicografia francês-latim ou francês monolíngue mais recente, criando a ilusão de uma documentação sem aparente contaminação de outras línguas modernas. A lista de fontes citadas é em rigor apenas uma lista de autores de dicionários sucessivamente reeditados e ampliados, que por metonímia se tinham convertido em monumentos da língua francesa. Os nomes destacados são Gui Tachard (1648-1712), *Dictionnaire nouveau, François-Latin* (1ª ed. 1689); Pièrre Danet (1650?-1709), *Grand dictionnaire françois et latin* (1ª 1689); Pierre Richelet (1626-1698), *Dictionnaire françois* (1ª 1680) e a terceira edição do dicionário da Academia Francesa (1740).

Se de facto fossem estas as fontes, o dicionário de José Marques teria sido redigido por métodos que não só contrariavam a técnica lexicográfica seguida para as línguas modernas desde os finais do século XVII, como teria demorado muito mais tempo a ser compilado e dele resultaria uma original descrição contrastiva do português. Nenhuma destas condições se verifica.

A colação das fontes e de outros dicionários disponíveis à época aponta para que José Marques se tenha documentado em dicionários francês-castelhano, aproveitando a proximidade com o castelhano para definir as correspondências bilingues. O castelhano acumulara uma longa tradição de comparação com o francês e o flamengo, fundada na presença espanhola nos territórios que atualmente correspondem aos Países Baixos e nas necessidades de efetivo ensino da língua para diplomatas, comerciantes e funcionários das administrações. Os professores e intérpretes de línguas das cortes são as figuras autorais de dicionários que preenchem todo o século XVII, com reedições e aproveitamentos intertextuais que consolidam uma rede de correspondências bilingue, que constituía uma referência estável e reconhecida para a língua escrita, ainda que seguramente desvinculada das respetivas línguas contemporâneas².

² Alguns títulos dessa longa tradição: 1604 – Jean Pallet, *Diccionario muy copioso de la lengua española y francesa*; 1607 – César Oudin, *Tesoro de las dos lenguas francesa y española* (11 edições até 1660, algumas trilingues que incluem o italiano e o

A melhor fonte para um trabalho lexicográfico expedito e comunicante com as redes bilingues era sem dúvida o castelhano³. Importava usar uma fonte em que houvesse correspondências para o maior número possível de entradas e Marques seguiu fielmente o dicionário francês-castelhano de Francisco Sobrino (fl.1703-1734), professor de espanhol na corte de Bruxelas. Os seus dicionários representavam uma atualização da tradição legada por César Oudin e foram ampliados até finais do século XVIII. A nomenclatura de Marques é coincidente com a de uma edição próxima dos anos 40 e, mais importante, as glosas refletem o léxico castelhano da fonte:

— Sobrino 1734

Fable, f. chose inventée pour instruire, *Fabula*, f.

Fable, conte fait pour divertir, *Cuento*, m.

Servir de fable & de risée à tout le monde, *Ser la fabula de todos*.

Fabricateur, m. il ne se dit guere au propre qu'en cette phrase,

Fabricateur de monnoie, *Fabricador*, *artifice*, m.

Fabrication, f. *Fabricacion*, f.

Fabrique, f. construction d'une Eglise, *Fabrica*, f. *construccion de una Iglesia*.

Fabrique, f. façon de certains ouvrages & de certaines manufactures, *Fabrica*, *manufactura*, f.

La fabrique des monnoies, *La fabrica de la moneda*.

Fabriqué, *Fabricado*.

Fabriquer, faire certains ouvrages de main, *Fabricar*.

Fabriquer, construire des vaisseaux. *Fabricar navios*.

Fabriquer dela monnoie, *Fabricar moneda*.

Fabuleusement, *Fabulosamente*.

Fabuleux, inventé, *Fabuloso*.

neerlandês); 1661 – François Huillerey, *Vocabulaire, pour apprendre aisément et brièvement à lire, écrire et parler la langue espagnole*; 1701 – Guillaume Maunory, *Grammaire et dictionnaire françois et espagnol*.

³ Rafael Bluteau consultou fontes castelhanas, mas usou-as muito pontualmente. O dicionário mais citado é o *Tesoro de la lengua* (1611) de Covarrubias e merece-lhe reparos críticos (cf. Silvestre 2008: 113). Dieter Messner apresenta alguns exemplos de intertextualidade com Covarrubias, mas a influência de dicionários franceses é incomparavelmente superior (Messner 2007). A relação parece ser mais próxima na comparação entre o dicionário da Academia de 1793 e o *Diccionario de la Lengua Castellana de 1780* (Messner 2000).

C'est une histoire fabuleuse. *Es una historia fabulosa.*

Fabuliste, m. Auteur qui écrit des fables. *Fabulista, m. el que escribe fabulas.*

— Marques 1754

Fable, s.f. chose inventée pour instruire, *Fabula.*

Fable, conte fait pour divertir, *Conto para divertir, Novella.*

Servir de fable & de risée à tout le monde, *Servir de fabula, e de riso a todo o mundo.*

Fabricateur, s.m. il ne se dit guère au propre qu'en cette Phrase, fabricant de monnoie, *Fabricador, artifice.*

Fabrication, s.f. *Acção de fabricar.*

Fabrique, s.f. construction d'une Eglise, *Fábrica, construção de huma Igreja.*

Fabrique, s.f. façon de certains ouvrages & de certaines manufactures, *Fábrica, manufactura.*

La fabrique des monnoies, *Fábrica da moeda.*

Fabriqué, *Fabricado.*

Fabriquer, faire certains ouvrages de main, *Fabricar.*

Fabriquer, construire des vaisseaux. *Fabricar navios.*

Fabriquer dela monnoie, *Fabricar moeda.*

Fabuleusement, *Fabulosamente.*

Fabuleux, inventé, *Fabuloso, inventado.*

C'est une histoire fabuleuse. *He huma historia fabulosa.*

Fabuliste, s.m. auteur qui écrit des fables. *Fabulista, o que escreve fabulas.*

Além de introduzir um conjunto de definições, frases e expressões idiomáticas que não faziam parte da tradição metalinguística portuguesa, este dicionário representa a primeira atestação de palavras derivadas por sufixos também presentes no francês. A hipótese de um movimento de inovação lexical por decalque do francês deve assim considerar que o castelhano funciona como a língua mediadora que autoriza o lexicógrafo a replicar os processos morfológicos.

Esta técnica de redação por tradução direta distorce a percepção da frequência de uso das palavras portuguesas, pois a

forma preferida pelo dicionarista não será a mais comum na língua de chegada, mas a mais próxima do texto traduzido. Por exemplo, *fabulista* substitui *fabulador*, que é forma mais comum à época (registada nas edições do *Thesouro* de Bento Pereira desde 1697). Todavia, esta dicionarização de Marques antedata a possibilidade de reconhecimento das formas, independentemente de terem uma reduzidíssima ocorrência em outros testemunhos escritos⁴.

A validade destes testemunhos é reforçada quando constatamos que o tradutor não admite todas as formações, como *fabrication* – *fabricacion* – *fabricação*, preferindo a paráfrase “acção de fabricar”. De facto, tudo indica que a palavra ainda não era aceite. Não a encontramos na nomenclatura do dicionário português-francês de Costa e Sá (1788), mas já há ocorrências na glosa («fabricação da moeda», s.v. braçagem). A partir da década de 90, o uso começa a ser frequente⁵.

A reedição após a destruição de 1755 foi um processo complexo, que ocupou diferentes casas tipográficas e três fases de redação. O corpo do dicionário foi produzido na oficina de José da Costa Coimbra e é uma repetição, com raríssimos acrescentamentos, do texto de 1754. A composição tipográfica quase imita a disposição do texto original, página a página. Foi completado com um breve suplemento de adições, inserido no final do volume e integrado na sequência da paginação. O dicionário francês-“castelhano”-português de Sobrino sobreviveu ao terramoto.

Mas a percepção de que a nomenclatura era muito incompleta motivou a redação de um segundo suplemento, com paginação autónoma, impresso na oficina de Francisco Luís Ameno. Encontram-se hoje exemplares sem esse suplemento, o que indicia que o dicionário circulou num formato diverso que quando incompleto tornaria evidentes as falhas na nomenclatura, e quando completo seria de consulta pouco prática, obrigando a percorrer os dois aditamentos.

⁴ Um exemplo de 1764, uma década após a primeira edição de Marques: «Da famosa Circe fingirão os **Fabulistas** que com encantadas bebidas transformava aos seus amantes em porcos», Manuel da Conciência, *A mocidade enganada, desenganada*. Tomo 2. Lisboa: Régia Oficina Silviana, p. 337.

⁵ Vd., por exemplo, Manuel Arruda da Câmara, *Memória sobre a cultura dos algodoeiros*, Lisboa, 1799: pp. III e 9.

O dicionário de português-francês só é publicado em 1764. Considerando que é a segunda parte de um conjunto, João José Bertrاند solicitou um privilégio de exclusividade para impedir a publicação de outro dicionário de francês, a refundição em outro formato, ou mesmo a importação. Este pedido explicita as debilidades do dicionário do Padre Marques, que não acompanhava a apetência do público contemporâneo por volumes portáteis, concisos e de fácil consulta.

Diz João Jozé Bertrاند morador nesta cidade, e nella Mercador de Livros, que percedendo as Licenças necessarias fez imprimir dois Dictionarios de folio: o *primeiro* tomo, de Frances, e Portuguez, o *Segundo* de Portuguez, e francês, com os termos latinos em que gastou quazi seis mil cruzados, animandoce a fazer a *dita* despeza, fiado em que *Vossa Magestade* Fedelissima costuma conceder Privilegio para nenhuma outra pessoa poder vender, fazer imprimir, mandar vir de fora os taes Livros; ainda que se lhe mude a forma, redusindoos a figura de quarto, ou oitavo, ou com o pretexto de algum acrescuntamento, correcção, mudança, ou por Autor diferente, por ser tudo em fraude de Privilegio, e grave prejuízo aquele, aquém se concedeu a Graça: pello que, e pella *dita* obra ser *muíto* útil aos Vassalos de *Vossa Magestade*. *Pede* a *Vossa Magestade* Fedelissima por Sua Real Clemencia lhe faça *merce* conceder Privilegio na forma referida, e por tempo de vinte annos; e junta certidão de que estam impressos (ANTT, RMC, Cx. 179, 14-03-1764).

O pedido deve ter sido interpretado como excessivo e não teve resposta. Em 1767, com a notícia da preparação de um dicionário por outro livreiro, os Bertrاند submeteram um novo requerimento e obtêm privilégio por mais dez anos para a comercialização do seu dicionário.

depois de feita a impreção no anno de mil setecentos seçenta e quatro, suplicou a *Vossa Magestade* o privilegio de que nenhum outra pessoa podesse imprimir, ou mandar vir de fora os *ditos* Dictionarios, e havendo ordem há mais de dous annos *para* o *Suplicante* entregar hum exemplar dos ditos livros *para* subirem, e se juntarem a consulta que se tinha feito na Mesa, sobre que ate ao presente não tem baixado rezolução alguma. E *porque* ao presente tem o *Suplicante* noticia que há pessoa *que* pertende imprimir os ditos Diçionarios aproveitando-se do trabalho do *Suplicante*, e em prejuizo seu, e da grande despeza *que* tem feito tanto na primeira impressaõ *que* se consumio com o inçendio subsequente ao terremoto [...] como tambem em prejuizo do

Requerimento que o *Suplicante* tem feito (ANTT, RMC, Cx. 179, 30-03-1767).

Esta decisão apenas proíbe que outros reproduzam e refundam o texto de Marques, e logo em 1769 é publicado o primeiro volume abreviado de configuração verdadeiramente moderna, o *Dictionnaire François, et Portugais plus complet que tous ceux qui ont paru jusqu'à présent pour l'instruction de la jeunesse portugaise*. O livreiro concorrente era Jorge Rey, irmão de Maria Clara Rey, esposa de João José Bertrand.

2. O dicionário abreviado de Miguel Brandão Ivo: razões e métodos de para uma nova descrição lexical

Os episódios do processo podem esclarecer a história de um dicionário manuscrito existente na BNP (COD 3410), que identificamos como uma versão anterior ao original de imprensa do *Dictionnaire François, et Portugais plus complet*⁶. Foi publicado anonimamente, mas o autor é Miguel Pedegache Brandão Ivo (c. 1730 - 1794), um militar de ascendência suíça. O dicionário foi a sua única obra metalinguística, entre composições poéticas, publicações em francês e traduções (cf. Inocêncio Silva, 1862: VI, 249-251).

O manuscrito da BNP é um volume in 4º, completo de A a Z, com bastantes emendas e substituições de artigos, por vezes em pequenas folhas coladas sobre a primeira versão desse mesmo artigo. O manuscrito identifica-se por trazer apenas uma folha de rosto impressa da edição de 1769. As correcções e substituições são da mesma mão da primeira versão do texto, correspondendo ao autor da compilação e não a um copista. A reescrita é feita sobre uma primeira versão do dicionário, que já se apresentava passada a limpo e sem emendas. Essa primeira versão é uma síntese do dicionário de Marques, com glosas sucintas e traduções por correspondência lexical simples. Há algumas adições à lista de entradas que coincidem com a nomenclatura de fontes da segunda metade do século, como os dicionários de François Cormon ou Nicolas de Séjournalant, que são continuadores e ampliadores de Sobrino.

O privilégio concedido em 1767 obrigou a alterar o dicionário rapidamente. A nova versão foi redigida no próprio manuscrito,

⁶ Sobre outros manuscritos portugueses de dicionários bilingues, vd. Silvestre 2011.

aproveitando todos os espaços em branco. As glosas são aumentadas com novo material lexical, em parte retomado de Marques, mas sobretudo recolhido num dicionário francês-espanhol mais recente. Encontram-se sólidas correspondências com o texto do *Nouveau dictionnaire espagnol-françois et latin* de Nicolas de Séjournant (edição de 1759). No excerto que abaixo se transcreve assinalam-se a negro alguns casos de intertextualidade, distinguindo com negro simples as palavras retomadas de Marques, com sublinhado simples as palavras que na primeira versão coincidem com o corpus de Séjournant, e com duplo sublinhado as que coincidem com a segunda. Note-se especialmente a aceitação de *parcialidade* e *factício* na segunda versão, introduzidas para se diferenciarem das glosas de Marques:

— Marques 1756

Façonnier, s.m. **cérémonieux**, grimassier, *Invencioneiro, melindroso*.

Façonniere, s.f. *Invencioneira, melindrosa*.

Facteur, s.m. celui qui est chargé de quelque négoce pour un marchand, *Negociador*.

Factieux, séditieux, qui forme des cabales, & des factions. *Sedicioso, revoltoso*.

Faction, s.f. service de simple soldat à l'armée. *Serviço de simplez soldado na campanha, sentinella*. Etre en faction, en sentinelle. *Estar de sentinella*. Faction, cabale, parti pour troubler le repos publique. *Liga, bando, partido*.

— Séjournant 1759

Façonnier, s.m. Artisan qui travaille aux façons des étoffes. *Oficial que travaja y labra las telas de oro, plata, seda y lana*.

Façonnier, ière, adject. Cérémonieux, euse, qui est incommode par trop de cérémonie. Ceremonioso, sa, hazanéro, ra.

Facteur, s.m. Commissionnaire. Factór.

Facteur. Celui qui porte les lettres du bureau de la poste aux particuliers dans les maisons.

Factice, adj. m. & f. Qui est fait par art, qui n'est point naturel.

Facticio, cia, lo que es hecho con arte.

Factieux, euse, adject. Seditieux, remuant. Faccioso, sa, sedicioso, sa, inquieto, ta, reboltoso, sa.

Factieux, euse, s. m. & f. Homme factieux, femme factieuse. Es un hombre inquieto faccioso, es una muger inquiéta, reboltosa.

Faction, s.f. Service de simple soldat. Facción, el servicio que hace el soldado raso.

Faction. Cabale. **Facción**, cabála, **parcialidad**, banda, partido, liga.

— BNP COD 3410 [Ivo 1769, primeira versão]

Façonnier, s.m. Invencioneiro, ceremoniatico.

*Facteur, s.m. **Negociador**.*

***Factice**, adj. **Feito por arte**.*

*Factieux, euse, adj. & subst. **Sedicioso, revoltoso**.*

*Faction, s.f. **Liga, bando, partido, sentinella, facção***

— BNP COD 3410 [Ivo 1769, versão final]

*Façonnier, s.m. Invencioneiro, ceremoniatico, **melindroso**.*

*Facteur, s.m. [**Negociador**] +**Feitor**.*

*Factice, adj. Feito por arte, +contrafeito, +**facticio**.*

Factieux, euse, adj. & subst. Sedicioso, +parcial, revoltoso, +amotinador, +homem de facçoens.

*Faction, s.f. **Facção**, +**parcialidade**, partido, bando, +rancho; acção do soldado, que está de sentinella.*

O redator geralmente aproveitou apenas os espaços interlineares ou marginais, pelo que não conseguiu reproduzir os artigos em que a estrutura e a distinção das aceções eram substancialmente diferentes de Marques. As glosas apresentam sucessões ora de sinónimos, ora de aceções, que resultam da recolha pouco criteriosa de palavras “diferentes” para ampliar artificialmente os enunciados. E, mais uma vez, o castelhano é a língua intermediária.

Na Real Mesa Censória o dicionário foi revisto por António Pereira de Figueiredo, que foi sensível às deficiências na tradução e às lacunas na nomenclatura. Apenas a absoluta necessidade de um dicionário prático justificou a imediata publicação.

O Diccionario Francez e Portuguez, que imprimio Jorge Rey e Companhia [...] não contem coisa, que deva embarçar a sua publicação. Porque aindaque eu o acho muito deminuto de vocabulos, e a versaõ Portuguesa não he sempre a mais pura ou a mais genuina; este defeito por isso mesmo que he transcendente e quasi inevitavel em todos os escritos deste genero, e se pode hir emendando na ediçoens futuras, não deve privar esta corte de semelhante socorro; o qual ainda que não he pleno socorro, merece que elle seja aceito com benevolencia e reconhecimento. Lx. 10 de *fevereiro* de 1769. Antonio Pereira de Figueiredo.⁷

Foi o primeiro dicionário bilingue de configuração moderna, de formato prático e redação concisa, pensado para um público alargado e para o sucesso comercial. Em 1772 apareceu uma segunda edição, dita de Barcelona, que sob a forma camuflada de livro importado deve ter alcançado uma larga tiragem.

Brandão Ivo inicia uma revisão do dicionário, mas, esgotadas as duas primeiras – que na prática são mesmo texto – os editores promoveram em 1777 uma terceira edição à revelia do autor, prometendo a adição de mais de dez mil palavras, com novos termos «de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimica, de historia natural, de botanica, de mathematica, de marinha, e de todos as outras artes, e sciencias» (folha de rosto).

De facto, em pouco se alteraram as glosas da primeira edição e os acrescentamentos correspondem às linguagens de especialidade, em que a tradução é essencialmente um decalque, que legitima a adaptação à morfologia do português.

As expetativas de sucesso de um dicionário de francês seriam tão boas que logo em 1778 Brandão Ivo conseguiu fazer publicar a sua própria edição, esta sim substancialmente modificada no que respeita ao texto das glosas. No prefácio procurou desprometer as edições anteriores, ainda que com o cuidado de não desautorizar a figura autoral das primeiras. Tal como sucedeu com o dicionário de Marques, aponta-se como base documental um dicionário francês-latim, reivindicando assim a originalidade da tradução. A fonte seria uma edição de 1726 do *Apparat Royal* de Jean Baptiste Brocas, mas o confronto textual indica que também neste caso a referência é ilusória, visando integrar o dicionário de 1769 numa tradição de

⁷ ANTT, RMC, cx. 5, 1769, nº 21, fol. 6, censura 1.

dicionários escolares e esconder a intertextualidade com os dicionários de Marques e Sobrino.

O privilégio de 1767, concedido por dez anos, impediu a publicação de outros dicionários de grande formato e poderá até ter motivado a edição de Barcelona. Justamente após uma década saíram a terceira e a quarta edições do dicionário de Pedegache e em 1778 deu entrada na Real Mesa Censória um pedido para a impressão de um dicionário de francês-português do capitão Manuel de Sousa, que concorreria com o dicionário de Marques⁸. A edição foi promovida pelo livreiro José Agostinho Borel, que tinha iniciado a sua atividade em Lisboa por volta de 1763.

Os livreiros Bertrand reagiram em 1781, quando correu notícia de que as primeiras folhas começaram a ser impressas. Clara Rey, viúva de João José Bertrand, pediu uma prorrogação da licença com base em três razões: existiam cerca de mil exemplares do dicionário de Marques em armazém, a licença anteriormente concedida visava compensar o livreiro pelas despesas suplementares com a substituição dos livros perdidos no terramoto e, por último, estavam a ultimar a impressão de um volume português-francês, também ele protegido pelas licenças originais.

Mais de vinte anos após a primeira licença, os requerentes tentaram sobrevalorizar o custo da edição de 1758, declarando que foi necessário mandar redigir um novo manuscrito, pois não conseguiram encontrar um único exemplar da edição de 1754. As alegações não são plausíveis, considerando as semelhanças entre o texto das duas edições.

[...] padecendo depois a infelicidade de se lhe queimarem todos os exemplares do Frances, e Portugues no infausto terramoto de 1755, sem poder descubrir hum só dos poucos *que* tinha já vendido, para se poder tornar a imprimir; de sorte que com nova, e grave despeza, e com generosa preseverança, foi obrigado a fazer compor outro manuscripto do dito Diccionario Frances, e Portugues, para outra impressão: E porque no decurso da sua venda, se foi reconhecendo que estes Diccionarios para serem inteiramente completos necessitavaõ de hum additamento, lhe mandaraõ compor hum Suplemento [...]

⁸ ANTT, RMC, cx. 12 doc. 138 (12-6-1778). Manuel de Sousa, capitão de infantaria (? — a. 1786) traduziu *Telémaco* de Fénelon e *Tartufo* de Molière. Da generalidade dos seus trabalhos Inocêncio diz que são «meras traducções de originaes estrangeiros» (Inocêncio Silva, 1862: VI: 112-114).

[requerem] mandar suspender a impressãõ, e prohibir a venda do referido Diccionario Frances, e Portugues do dito Borel, como tambem a impressãõ do Portugues, e Frances que o mesmo Borel está na intençãõ de mandar imprimir, até que os *Supplicantes* tenhaõ concluido a venda dos mil exemplares dos primeiros, e a impressãõ dos segundos *que* estaõ imprimindo prorogandolhes para o dito effeito o privilegio exclusivo de que gozaraõ, e *que* virtualmente se extenda ate consumir se a obra toda, pela qual se impetrou o referido privilegio (ANTT, RMC, cx. 179, não datado, mas anterior a 8-1778).

As peças subseqüentes do processo fornecem informações inéditas sobre a gênese dos dicionários em preparação. Ambos os livreiros são intimados a apresentar à Mesa os respectivos trabalhos em curso. Os Bertrand entregam o dicionário francês-português e ainda uma parte do novo português-francês, que estava a ser redigido por Joaquim José da Costa e Sá⁹. A casa Borel entrega apenas um pequeno conjunto de páginas impressas, alegando que o manuscrito ainda não está completo nem organizado, aguardando pela integração de muitos aditamentos.

[Borel e Borel] expõem Reverentemente, *que* a dita viúva não tem direito, ou razão *para* se oppôr; *porque* o manuscrito he diversamente composto, com acrescmentamento de vocabulos, e mayor correçãõ, e já se tem permitido a impressãõ de outros Decionários Francez, e Portuguez alem desse sobredito do *Padre* Márques, e os *Supplicantes* tem gravíssimo detrimento em qualquer demora, visto se acharem já duas folhas impressas, e terem despendido quazi dez mil cruzados. O público tambem interessa, em *que* se aperfeiçoe cada vez mais qualquer obra, e há de esse objecto prevalecer a qualquer outro de particular utilidade, lembrando os *Supplicantes* *que* o manuscrito está incapaz de se poder ver, por não ser ainda posto em ordem alfabética, e não estar ainda nella comprehendidos os acrescmentamentos do caderno, que tambem se prezenta com Licença de *Vossa Magestade*, vindo assim a ficar estabelecido como manifesto, que o Decionario dos *Supplicantes* he diverso do outro, por mais augmentado, renovado, interessante para o

⁹ Joaquim da Costa e Sá (c.1740-1794) conta-se entre os alunos de António Pereira de Figueiredo. Foi professor régio de gramática latina e correspondente da Academia Real das Ciências. Os seus principais trabalhos foram traduções de textos franceses ou intermediadas pelo francês. Publicou uma série de traduções comentadas de Horácio, Virgílio e Cícero, para as escolas. Cf. Inocêncio Silva, IV, 1862: 97-102.

público, e o mais completo (ANTT, RMC, cx. 179, não datado, mas refere factos ocorridos em 8-1781).

Num novo documento, datado de Setembro de 1781, os Bertrand acusam a casa Borel de não entregar o manuscrito, pois tinham sido informados que a impressão prosseguia na oficina de Luís Francisco Xavier Coelho Amado.

mandou esta Real Meza Censoria por ordem sua que, em hum dos dias do mez de Agosto proximo passado, que os *Supplicantes* apresentassem logo o Diccionario Frances, e Portugues, que *promptissimamente* entregaraõ, *juntamente* com parte do Portugues e Frances ainda em manuscrito, porque o estaõ mandando reformar, acrecentar, emendar e corrigir por Joaquim Jozé da Costa e Sá, com grande despeza, para assim melhor revalidarem o seu Direito e manifestarem a sua imperterivel obediencia as Ordens deste Regio Tribunal. E porque os *Supplicantes* não sô se persuadem, mas tambem tiveraõ imfôrmação certa, que esta Real Meza deu igual Ordem para que os ditos Borel e Borel e *Companhia*, apresentassem por inteiro o manuscrito do dito *Capítam* Manoel de Souza, suspendendo de todo a sua impressaõ, em quanto não determinasse o contrario; os *Suppracitados*, entregando *parte* do dito manuscrito, tem sido taõ ouzados que com manifesto desprezo das Ordens deste Supremo Tribunal, tem continuado a imprimir os primeiros quadernos do dito Diccionario na Officina de Luis Francisco Xavier Coelho Amado (ANTT, RMC, cx. 179, 24-9-1781).

Finalmente, em 8 de Outubro de 1781, o tribunal decide a favor dos Borel, considerando que o mérito e a utilidade do dicionário de Marques não justificam o prolongamento do privilégio.

Mais *que* tudo deixa de favorecer a pertençaõ dos *Supplicantes* Bertrand, e Filhos, o indubitável principio, de *que* os Previlegios exclusivos para qualquer género de comercio, só devem permitir se, quando há justíssimas causas, *que* justifiquem a concessaõ de semelhantes Indultos; e nas presentes circunstancias tanto não há estas causas, *que* antes o Publico viria a experimentar hum gravíssimo, e irreparável prejuiso, por ser certo, *que* havendo prohibiçaõ *para* compor, e imprimir hum Diccionario Regular e completo necessariamente se hade comprar o dos *Supplicantes* posto *que* seja diminuto, e excessivamente imperfeito.

Ceçaraõ porem todos estes inconvenientes, se Borel e *companhia* como tem supplicado a esta Real Mêza, continuarem a imprimir hum Diccionario manuescripto, *muíto* diferente do de Bertrand,

o qual compráram em boa fé, e metteram na impressaõ, depois de terem as licenças deste Tribunal.

[...] Quanto ao mericimento da traducção, e impressaõ do dito livro [o dicionário de Marques], já está superabundantemente Remunerado com o Privilegio, *que* o Augusto Pai de V. *Magestade* lhes concedeo [...]

E *que* Borel, e *companhiã* estão nas *circunstancias* de continuarem a impressaõ, *que* tem principiado; pois alem das Rasões expendidas, se acham com a despesa de *bastantes* folhas já impressas, e no desembolço da avultada quantia com *que* compráram o papel *para* huma obra *bastantemente* volumosa. (ANTT, RMC, cx. 179, 8-10-1781)

A licença de impressão é confirmada, na expectativa de que a obra será melhor e maior que o dicionário de Marques. A casa Borel tinha licença para imprimir um dicionário, mas o manuscrito estava longe de estar completo. A qualidade que a RMC reconhece resultaria do tradicional empenho dos dicionaristas nas primeiras páginas e que estaria na base da concessão das licenças. O facto de Costa e Sá trabalhar para os Bertrand e a notícia de uma tentativa impressão numa oficina diferente da que será responsável pela edição de 1784 (Simão Tadeu Ferreira) indiciam que o material compilado para este ensaio não coincide com o que foi posteriormente publicado.

3. A ampliação lexical nos dicionários de Joaquim da Costa e Sá

Nos anos seguintes as famílias de livreiros chegaram a um acordo para benefícios mútuos, de que resultou o casamento de Jorge Bertrand e Maria Borel em 1784. Precisamente nesse ano foi publicado o dicionário francês-português, que Costa e Sá redigiu rapidamente para os Borel. O nome de Manuel de Sousa é recuperado, provavelmente para dar cumprimento à licença conquistada em tribunal¹⁰. Nos dois anos seguinte Costa e Sá

¹⁰ Os editores explicam a intervenção de Costa e Sá sobre o manuscrito: «o qual sendo rigorosa, e escrupulosamente examinado, achou-se não estar completamente acabado; e reflectindo nós que se honraria a memoria do seu Author, se se commettesse este excessivo, e prolixo trabalho da sua perfeita coordinaçãõ, e revisaõ, pela qual se reduzisse a methodo, e se proporcionasse á liçãõ, e pública utilidade dos que delle se houvessem, de servir» (Costa e Sá 1784: «Aviso dos Editores»). O comentário de Inocêncio Silva é mais próximo da realidade: «o auctor quiz exarar no frontispicio

concluiu a redação interrompida do dicionário de português-francês, que foi editado em 1788 pela casa Bertrand. A espera indicia que era um livro com muito menor procura.

Costa e Sá era um tradutor prolífico de textos clássicos comentados para uso das escolas, alegadamente a partir do original latino, mas comumente reconhecidos como traduções de manuais franceses. O extenso dicionário italiano-português que preparou para a casa Bertrand (1773-1774) menciona numerosas fontes, mas é essencialmente uma tradução do *Dizionario italiano, latino e francese* de Annibal Antonini (1702-1755)¹¹. Este importante dicionário foi reeditado em vários países ao longo do século XVIII e originou uma versão italiano-alemão, ainda sob o nome de Antonini. A versão portuguesa pode incluir-se nesta filiação prestigiada, apesar de Costa e Sá o ocultar. Por sua vez, o dicionário de francês-português é uma tradução da edição do *Nouveau dictionnaire françois-italien* (1778-1780) de Francesco Alberti di Villanova (1737-1801).

O dicionário de italiano de Costa e Sá, nunca reeditado, não é importante na constituição de uma tradição dicionarística do português, mas a comparação com o dicionário de francês revela que cada uma destas tarefas foi realizada como uma tradução independente, com assinaláveis diferenças na seleção do léxico português como língua de chegada, motivadas pela percepção da compatibilidade morfossemântica com o léxico da língua traduzida.

As soluções para o português são procuradas preferencialmente na tradução da língua de chegada, o que condiciona o equivalente português quando estão em comparação palavras com soluções derivacionais diferentes ou em que não se pode recorrer a palavras cognatas. Veja-se o caso de *dispendioso* (it.) / *couteaux* (fr.). Em português o adjetivo *dispendioso* é de uso muito raro até à primeira metade do século XVIII, apenas com uma ocorrência em todo o dicionário de Bluteau (s. v. Vinha, «Muito dispendioso he o adubio desta vinha»). Começa a ter algum uso atestado em português a partir da década de 90, mas em 1784 já ocorre em Costa e Sá como tradução de *dispendieux*, e em 1788 entra na nomenclatura do dicionário português-francês. Morais Silva,

aquella indicação, sem que contudo se aproveitasse em cousa alguma dos fragmentos informes e deminutos que deixara» (Inocência Silva, 1862: IV, 99).

¹¹ Sobre a tradição bilingue italiano-português, vd. Lupetti 2011.

que procurou atestar com citações autorizadas a nomenclatura, não incluiu a palavra no *Diccionario da Língua Portuguesa* de 1789.

— Antonini 1770 (italiano-latim-francês)

DISPÈNDIO. Spendio. (Lat. Dispendium, impendium, sumptus.) *Dépense. fém.* Donami cavallo da cavalcare, e somieri, e robbe, e dispendio convenevole, a ritornare in mia terra: quì, Provisione da spendere.

DISPENDIOSAMENTE. avverb. Con dispendio. (Latin. sumptuosè.) *Avec dépense.*

DISPENDIOSISSIMO, superl. di Dispendioso. **Fort coùteux.**

DISPENDIOSO. Che porta dispendio. (Lat. dispendiosus.) **Coùteux, qui cause de la dépense.**

— Costa e Sá 1773 (italiano - português)

DISPÈNDIO. s.m. Despendio, gasto, despeza.

DISPENDIOSAMENTE. adv. Sumptuosamente, com despendio, prodigamente, com gasto.

DISPENDIOSISSIMO. sup. m. MA. f. Custosissimo, de extraordinaria despeza.

DISPENDIOSO. adj. m. SA. f. **Custoso, que faz despeza.**

— Villanova 1778 (francês-italiano)

DISPENDIEUX, EUSE, adj. Qui coute beaucoup, qui occasionne une dépense considerable. **Dispendioso.** V. Coùteaux.

— Costa e Sá 1784-1786 (francês - português)

DISPENDIEUX, EUSE, adj. **Dispendioso, custoso, que custa muito, de grande gasto.**

Para redigir o dicionário francês-português Costa e Sá consultou também o dicionário italiano-francês, aumentando o espectro de possibilidades derivacionais que autorizavam a adaptação para o português. Desta forma se inicia a tradição dicionarística de muitas terminologias de especialidade, definidas a partir dos recortes semânticos nas línguas de origem, por vezes ainda sem referente suficientemente esclarecido em português (cf. a

distinção no italiano entre *glossologia* e *glottologia*, que não adapta ao português).

— Villanova 1778 (francês-italiano)

GLOSSATEUR, s.m. Auteur qui a glosé un livre; les Glosateurs de la Bible. **Glossatori della santa Scritura.**

GLOSSE, s.f. *T. d'Anatomie.* Langue. V. ce mot.

GLOSSIEN, adj. *T. d'Anatom.* Il se dit de toutes les parties qui appartiennent à la langue. **Glossico.**

GLOSSOGRAPHIE, s.f. *T. d'Anatomie.* C'est la partie de la Somatographie, qui regarde la description de la langue. **Glossografia, descizion della lingua.**

GLOSSOLOGIE, s.f. *T. d'Anatomie.* Discours raisonné sur la langue; c'est une partie de la Somatologie. **Glossologia, discorso ragionato circa la lingua.**

GLOSSOGRAFIA s.f. T. de'Notem. Descrizione della lingua. **Glossographie**

GLOSSOGRAFO Scrittore di glose, e spezialmente di quelle, che appartengono a' vocaboli, e alle lingue. Auteur d'un glossaire.

GLOSSOLOGIA, T. de'Notom. Discorso ragionato circa la lingua, ed e' una parte della somatologia. **Glossologie.**

GLOTTOLOGIA Quella parte della Fisiologia, che tratta della formazione della voce. Glottologie.

— Costa e Sá 1784-1786 (francês - português)

GLOSSATEUR, ou GLOSATEUR, s.m. **Glosador, Interprete, o que glosou algum Livro.**

GLOSSIEN, Adj. (T. Anat.) **Glossico, que pertence á lingua.**

GLOSSOCATOCHÉ, s.m. **Glossocatocho, especie de espelho da boca, ou de tenaz com que se abaixa a lingua, instrumento de Cirurgia.**

GLOSSOCOME, s.f. **Glossocomo, máquina composta de muitas rodas dentadas, com que se ição grandes pezos** § (T. Chir.) *Caixinha para as deslocações, e fracturas das pernas.*

GLOSSOGRAPHE, s.m. **Glosographo, Author de Glossario.**

GLOSSOGRAPHIE, s.f. (T. Anat.) **Glossographia, descripção da lingua.**

GLOSSOLOGIE, s.f. (T. Anat.) *Glossologia*, discurso sobre a língua.

A tradução das terminologias e a derivação encontram nos dicionários de Costa e Sá um desbloqueio sem precedentes, mas que simultaneamente aponta para soluções de formação lexical e decalques que continuarão a ser aplicadas ao longo do século XIX. Depois de um atraso de um século, a lexicografia bilingue do português documentava-se em obras francesas e italianas atualizadas, já depuradas de ensaios lexicais do início do século, como sucedera com as fontes de Marques. Entendia-se que esta acumulação produtiva era a função do dicionário e que neste confronto bilingue com uma língua mais copiosa se encontrava o léxico do português. Nas palavras dos editores, os dicionários bilingues suprem com vantagem as funções de um dicionário monolíngue, que de facto ainda não existia:

He superior este Dicionario, pois nelle se encerra hum copiosissimo Thesouro da Linguagem Portugueza dos Sabios da Idade aurea da nossa lingua; e nelle se encontrarão por sua ordem, methodicamente, e em seu justo lugar as denominações, ou significações primigenias de todos os Termos, e Vocabulos, com as Synonymas; as suas accepções translatas, ou figuradas; as Locuções, Frases, e Proverbios; &c. tudo sobre maneira digerido, e ordenado, que facilmente se poderão achar ao primeiro golpe de vista (Sá 1784: Aviso dos Editores).

Os dicionários de Costa e Sá são imediatamente anteriores à primeira dicionarização monolíngue de António Morais Silva em 1789. Seguindo a tradição de Bluteau e da lexicografia francesa monolíngue, Morais fornece autorização das diversas aceções, com citação de excertos ou localização em obras de autores do cânone português clássico. Assim não surpreende que apenas registre *glosa*, *glosar*, *glosador*, *glossário*, e que, além do já referido *dispendioso*, também não incluía nas entradas *fabulista* nem *factício*.

A reflexão lexicológica sobre a tradição do uso e da frequência não eram compatíveis com a rapidez que se exigiu aos literatos que traduziram os dicionários bilingues que vimos comparando. Mas na abundância da nomenclatura pareciam mais completos e o sucesso editorial foi sempre superior. Na grande revisão do dicionário de Morais, publicada em 1823, a nomenclatura

alarga-se na ambição da exaustividade e encontramos o dicionário de Costa e Sá entre as autoridades que contribuem para esse aumento de entradas:

Para este fim conhecendo que a perfeição de um Diccionario provem da abundancia e copia larga dos termos e frases que constituem o fundo e capital do idioma [...] lançamos mão de todos os que posteriormente se tem publicado, valendo-nos em particular entre outros da nova edição do Portuguez e Francez do douto Professor Regio Joaquim José da Costa e Sá , pela muita acceitação que sempre mereceo de todos os inteligentes ... (Morais 1823, Advertência do editor, VII).

Este processo de ampliação e aferição da disponibilidade lexical do português não é de forma alguma inédito ou inesperado. Vinha ocorrendo desde o século XVI, a par da normalização do registo escrito da língua, procurando uma regularidade com as raízes latinas e a definição de padrões derivacionais em que assentasse a produtividade lexical. A dicionarística bilingue vem renovar esse processo, com a necessidade de comparação com as línguas vizinhas e a definição de soluções para a intercomunicação. A descrição do léxico português deixa de enumerar apenas as palavras autorizadas e abre-se às palavras compreensíveis, admissíveis ou desejadas. Num movimento intuitivo de aproximação das línguas naquilo que percebiam como semelhante, os dicionaristas do século XVIII delinearão os roteiros da expansão lexical do português do século XIX.

Bibliografia

- Antonini (1761): Annibal Antonini, *Dictionnaire françois, latin & italien: contenant non seulement un abregé du dictionnaire de L' Academie mais encore tout ce qu' ily a de plus remarquable dans les meilleurs lexicographes*. Venise: chez François Pitteri.
- Antonini (1770): Annibal Antonini, *Dizionario italiano, latino e francese: in cui si contiene... un compendio del dizionario della Crusca*. Lione: appresso Pietro Duplain.
- Cormon (1769): François Cormon, *Nouveau dictionnaire de Sobrino, françois, espagnol et latin, compose surles meilleurs dictionnaires*

- qui aient paru jusqu'a present*. Anvers: Aux dépens des Freres de Tournes.
- Domingos (2000): Manuela Domingos, *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Guedes (1987): Fernando Guedes. *O livro e a leitura em Portugal: subsídios para a sua história, séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Verbo.
- Ivo (1769): [Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo], *Dictionnaire François, et Portugais plus complet que tous ceux qui ont paru jusqu'à présent pour l'instruction de la jeunesse portugaise*. Lisbonne, chez Georges Rey, et Compagnie, de l'Imprimerie de Michel Manescal da Costa.
- Ivo (1778): Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo, *Novo Diccionario francez-portuguez, composto sobre os melhores dictionarios, illustrado com os termos facultativos das sciencias, e artes liberais, e mecanicas [...] Quarta edição Examinada, revista e adicionada*. Lisboa, Na Regia Officina Typografica.
- [Ivo] (1772): [Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo], *Dictionnaire François, et Portugais plus complet*. Barcelone, Jacques Perez
- [Ivo] (1777): [Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo], *Novo diccionario francez-portuguez: composto sobre os mais célebres dictionarios, e enriquecido de muitos termos de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimica, de historia natural, de botanica, de mathematica, de marinha, e de todos as outras artes, e sciencias, os quaes formão hum augmento de dez mil vocabulos sobre todos os dictionarios, que até agora tem apparecido, obra utilissima a todos os que querem traduzir o francez*. Lisboa, Na Regia officina typografica.
- Lupetti (2011): Monica Lupetti, "La lessicografia bilingue italo-portoghese a stampa dalle origini al XIX secolo", in Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre (eds.) *Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa - Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro, pp. 98-121.
- Marques (1754): José Marques, *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c*. Lisbonne, François Louis Ameno.

- Marques (1756): José Marques, *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c.* Lisbonne, De l'Impression de Joseph da Costa Coimbra.
- Marques (1764): José Marques, *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c.* Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Messner (2000): Dieter Messner, *El Diccionario de la Lengua Castellana de 1780: Una Fuente del diccionario da Lingoa Portugueza de 1793.* Revista de Filología Española, Madrid, 129-139.
- Messner (2007): Dieter Messner, Os dicionários portugueses, devedores da lexicografia espanhola. *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, 4. Porto 2007, 147-151.
- Sá (1773): José Joaquim da Costa e Sá, *Diccionario italiano, e portuguez, extrahido dos melhores lexicografos.* Lisboa: na Regia Officina Typografica: vende-se na loge de Joao Jose Bertrand, ao pe da Igreja dos Martyres ás portas de Santa Catharina.
- Sá (1784-1786): José Joaquim da Costa e Sá, Manuel de Sousa, *Nouveau dictionnaire françois-portugais, composé par le capitaine Emmanuel de Sousa, & mis en ordre, rédigé, revû, corrigé, augmenté, & enrichi de tous les tremes techniques, & propresdes sciences, des arts, des métiers, de géographie; &c.* Lisbonne, Imprimerie de Simon Thaddée Ferreira. Chez Borel, Borel, & Compagnie, grande, rue de Notre-Dame des Martyrs, 1784. Segundo tomo: *ibidem*, 1786.
- Sá (1788): José Joaquim da Costa e Sá, *Diccionario das linguas portugueza e franceza, com os termos latinos correspondentes; novamente compilado, e extrahido sobre a primeira edição do Padre José Marques.* Lisboa, Na Regia Officina Typografica.
- Séjournant (1759) Nicolas de Séjournant, *Nouveau dictionnaire espagnol-françois et latin, composé sur les dictionnaires des académies royales de Madrid et de Paris.* Paris: C.-A. Jombert.

- Silva (1789): António de Morais Silva, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira.
- Silvestre (2008): João Paulo Silvestre, *Bluteau e a origens da lexicografia moderna*. Colecção filologia portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Silvestre (2011): João Paulo Silvestre, "Testemunhos manuscritos da lexicografia bilingue", in Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre (eds.) *Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa - Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro, pp. 68-81.
- Sobrino (1734): Francisco Sobrino, *Dictionnaire nouveau des langues françoise et espagnole [...] Troisième edition, corrigée et considerablement augmentée. / Diccionario nuevo de las lenguas española y francesa*. Brusselle: Foppens.
- Vázquez Diéguez (2011): Ignacio Vázquez Diéguez, "Contribuição para a história da lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa", in Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre (eds.) *Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa - Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro, pp. 82-102.
- Verdelho (2011): Telmo Verdelho, "Lexicografia portuguesa bilingue. Breve conspecto diacrónico", in Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre (eds.) *Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa - Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro, pp. 13-67.
- Verdonk (1991): Robert Verdonk, « La lexicographie bilingue espagnol-français, français-espagnol », in Franz Josef Hausmann, Oskar Reichmann, Herbert Ernst Wiegand et Ladislav Zgusta, *Wörterbutrcher. Dictionaries. Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexicographie. An international Encyclopédia of Lexicography. Encyclopédie internationale de lexicographie*, III, Berlin-New York, Walter de Gruyter, pp. 2976-2987.
- Villeneuve (1780): François d'Alberti de Villeneuve, *Nouveau dictionnaire françois-italien, compose sur les dictionnaires de l'Academie de France et de la Crusca, enrichi de tous les termes propres des sciences et des arts / Nuovo dizionario italiano-*

francese, composto su i dizionarij dell'Accademia francese, e della Crusca, ed arricchito di tutti i termini proprj delle scienze, e delle arti. In Nizza: appresso Gabriele Floteront; in Torino: appresso gli fratelli Reycends.